

3

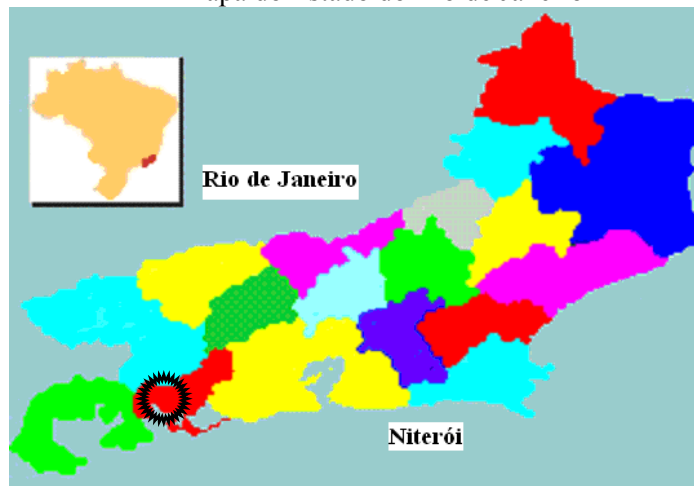
Segunda Parte: Apresentação do caso estudado

A comunicação é percebida, como o cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que temem ou que têm direito de esperar, seus medos e esperanças. Os meios de comunicação começaram assim a fazer parte decisiva dos modos como nos percebemos latino-americanos (Martín-Barbero, 2003: 63).

3.1

O cenário - Morro do Preventório

Mapa do Estado do Rio de Janeiro



Mapa da Cidade de Niterói

Mapa da Cidade de Niterói



Fonte: Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia de Niterói

Segundo pesquisa feita pelo Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade Iets, em 2004, com base no Atlas de Desenvolvimento Humano,¹ o Estado do Rio de Janeiro é o mais favelizado do país: 10% de sua população vive em favelas, o que representa 1,4 milhão de pessoas. De 1991 a 2000, mais 150 mil pessoas passaram a viver nas favelas fluminenses. De acordo com os dados do Censo 2000 e da Secretaria de Ciência e Tecnologia de Niterói,² a população residente da cidade é de 459.451 habitantes e cerca de 50.000 residem em favelas. No bairro de Charitas, a população residente é de 6.353 habitantes sendo que destes, 4.870 moram no Morro do Preventório, caracterizando-se como a maior comunidade de baixa renda da cidade de Niterói.

O contexto sócio-econômico do Morro do Preventório, circunscrito em uma favela do Estado do Rio de Janeiro, na cidade de Niterói, está marcado por dois significativos fatores: a desigualdade social (caracterizada pela má distribuição de renda, riqueza e poder e pelo alto índice de pobreza), que marca os países latino-americanos, especialmente o Brasil, e o crescente processo de favelização do Estado do Rio de Janeiro. Verifica-se, na cidade de Niterói, uma contradição semelhante à de todo o Estado do Rio de Janeiro. No bairro de Charitas, por exemplo, ao lado das mansões na orla da praia, onde mora a população que tem alto poder aquisitivo da cidade, está situado o Morro do Preventório que, segundo o Censo 2000, tem 1.404 domicílios, nos quais moram famílias pobres, algumas até em casas de pau-a-pique.

¹ O Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil é fruto de uma parceria entre o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e a Fundação João Pinheiro (FJP). O Atlas consiste em um banco de dados eletrônico feito com o objetivo de democratizar o acesso e aumentar a capacidade de análise sobre informações sócio-econômicas relevantes dos 5.407 municípios brasileiros e das 27 unidades da federação. Baseado nos microdados dos censos de 1991 e 2000 do IBGE, o sistema disponibiliza informações sobre o IDH municipal e 124 outros indicadores georeferenciados sobre população, educação, habitação, longevidade, renda, desigualdade social e características físicas do território.

² Todos os dados demográficos de Niterói foram retirados do Censo 2000 e do banco de dados da secretaria de Ciência e Tecnologia da Prefeitura de Niterói.

http://secitec.niteroi.rj.gov.br/inf_municipais/populacao

Foto: Por cima do Preventório / Autor: Priscila Neves

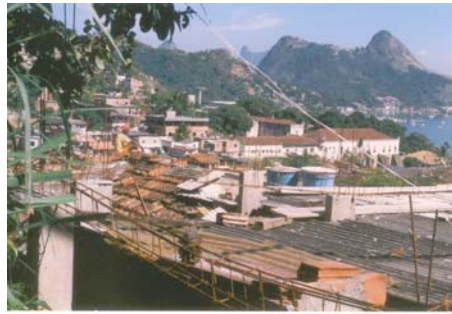


Foto: Varais / Autor: Robert Miranda

O local pode ser caracterizado por alguns fatores:

- Ausência das ações do Estado, principalmente, no que se refere ao saneamento básico; falta de sistema de água e esgoto encanado, do mesmo modo que acontece com um milhão de moradores do Estado que, segundo o Iets, em 2000, ainda viviam em residências sem água encanada. No entanto, a oferta de energia foi praticamente universalizada;

- Ampliação da oferta de serviços públicos e privados, mais por parte do terceiro setor e das empresas privadas do que pelo poder estatal. A oferta de serviços privados se ampliou de forma significativa, em particular no campo das ofertas de alimentos, roupas e entretenimento (padarias, locadoras de filmes, games, salão de beleza etc.). Os serviços públicos consolidaram-se por meio dos postos de saúde, creches e principalmente dos projetos sociais desenvolvidos pelas ONG em diferentes áreas (educação, lazer e esporte);

- Surgimento de diferentes tipos de organizações sociais, criadas por indivíduos e grupos locais e externos, gerando a formação de novas redes sociais, nas quais gestam-se novos modos de percepção do espaço urbano, das relações sociais e das instituições, criando-se formas originais de pertencimento e vivência;

- Recofinuração da associação de moradores funcionando como mais uma organização local prestadora de serviços sociais;

- Ausência do poder de intervenção do tráfico de drogas no cotidiano dos moradores da comunidade;
- Presença de escolas públicas, corpo de bombeiros, postos de saúde nas proximidades da comunidade.

Nesse contexto, residem os jovens moradores do Morro do Preventório. Contudo, como evidenciam pesquisas realizadas recentemente sobre a juventude brasileira, esses sujeitos são caracterizados como jovens em situação de pobreza e tendem a ser percebidos como problemas sociais, tanto por conta do local onde moram, como pelo fato de serem jovens. Em Niterói, 39.066 da população total têm entre 15 e 19 anos; 41.114 têm entre 20 e 24 anos e 35.499 têm entre 25 e 29 anos. Portanto, a população jovem residente da cidade de Niterói é de 80.180 pessoas. Infelizmente, não há dados oficiais referentes ao número de jovens que residem em Charitas ou no Morro do Preventório. Entretanto, a Associação de Moradores da comunidade estima que os jovens entre 15 e 29 anos representem aproximadamente 60% da população local.

Destaco, especialmente, a pesquisa realizada pelo Observatório Jovem³: *Políticas sociais dedicadas à juventude da cidade de Niterói*, na qual se realizou um diagnóstico a partir da investigação das políticas do governo e das organizações não-governamentais que atendem os jovens na cidade de Niterói.

Nessas políticas, os jovens são caracterizados como objeto de intervenção e ações instrumentais, descontínuas e fragmentadas, principalmente, sobre aqueles mais pobres em que paira o estigma do “potencialmente criminoso” ou “carente” e, portanto, incapaz. Outra falha nessas políticas públicas é não entender a juventude em sua diversidade, o que é uma característica mesmo dos grupos localizados em regiões menores. Uma compreensão completa dessa diversidade requer políticas focais que priorizem os mais necessitados, uma dificuldade identificada nos programas sociais. Além de terem detectado que o investimento nos jovens ainda está muito aquém do necessário, há problemas graves na concepção e implementação de muitas políticas sociais que sofrem, sobretudo, da falta de integração e continuidade, como observa o coordenador da pesquisa, Diógenes Pinheiro (2003).

³ Observatório Jovem - <http://www.uff.br/obsjovem>, acessado em 18/12/04.

Nesse contexto de exclusão, encontra-se a maioria dos jovens moradores do Morro do Preventório que, como em outras favelas do Estado do Rio, contam com a possibilidade de participar de alguns programas sociais desenvolvidos pelo governo e pela ação da sociedade civil. Entre eles, estão os participantes de atividades promovidas pela ONG Bem TV, que acabou possibilitando a criação do Grupo de jovens Nós na Fita, foco principal do presente estudo.

Vale ressaltar que, um dos objetivos do trabalho dessa organização não-governamental, é estimular nos jovens a construção de uma nova imagem do lugar onde vivem e de si próprios. Ou seja, ajudar a quebrar a percepção do morro, da comunidade em que vivem e deles mesmos como problemas sociais; olhar o Preventório sob um ângulo diferente, de maneira que possam valorizar o que há de bom, do mesmo modo que possam apresentar à comunidade propostas de ação que viabilizem a melhoria da qualidade de vida local. Destaco texto sobre o Morro do Preventório apresentado na exposição de fotos do projeto Olho Vivo, desenvolvido pela Bem TV.

A ocupação começou em 1853 com a construção do Hospital Marítimo Santa Isabel, onde eram isolados os viajantes que chegavam ao Rio de Janeiro, de navio, portando doenças contagiosas. O hospital, criado para prevenir que as epidemias se espalhassem, rendeu à região o apelido de Preventório. Em torno do prédio (que ainda está de pé), o terreno transformou-se em cemitério, desvalorizando a área. As primeiras casas construídas na região sobre as antigas covas pertenciam a famílias pobres.

A partir da década de 80, a ocupação desordenada tornou-se mais intensa, mas a comunidade lembra a data de inauguração da associação de moradores. A rua Doutor Letão homenageia um médico que trabalhou no antigo hospital e viveu na região.

Contrariando o que parece regra, no Morro do Preventório, o tráfico de drogas não encontrou espaço, atraindo para a região projetos institucionais governamentais e não-governamentais. Ali foi construído, por exemplo, o primeiro módulo do Programa Médicos de Família em Niterói (Texto de abertura da Exposição de Fotografias do Projeto Olho Vivo, 2004).

Há um claro investimento da instituição na valorização da comunidade, destacando seus aspectos positivos. Desta forma, um dos alicerces do trabalho com os jovens está ancorado na perspectiva de eles apreciarem as qualidades da comunidade do Preventório para que possam identificar os problemas e buscar maneiras de solucioná-los, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida local.

Outra característica fundamental do trabalho da Bem TV com os jovens do Preventório encontra-se no fortalecimento de espaços democráticos de participação social. Entretanto, no entender da instituição, para que essa participação aconteça é necessário que os jovens sejam fortalecidos em seu desenvolvimento integral, para que possam ser estimulados a participar das decisões comunitárias, tanto no âmbito da associação de moradores e no conselho comunitário, como nas ações promovidas pela própria instituição; os jovens são convidados a discutir os problemas e a tomar decisões.

3.1.1 Os atores

Essa reconfiguração do comunicador como mediador implica dar prioridade ao trabalho de ativação, nas pessoas e nos grupos, de sua capacidade de narrar/construir sua identidade, pois a relação de narração com a identidade não é meramente expressiva, mas constitutiva: a identidade individual ou coletiva não é algo dado, mas em permanente construção, e se constrói narrando-se, tornando-se relato capaz de interpelar os demais e deixar-se interpelar pelos relatos dos outros (Martín-Barbero, 2003: 69).

3.1.2 A ONG Bem TV

A Bem TV surgiu como idéia em julho de 1990, durante uma viagem de ônibus entre São Luís do Maranhão e Niterói. Foi imaginada por dois estudantes de comunicação da Universidade Federal Fluminense, que voltavam do XIV Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação (ENECOM). Lá conheceram e se encantaram com o trabalho da já extinta TV Viva, que produzia vídeos educativos e os exibia com telão e projetor nos bairros da periferia do Recife, em Pernambuco. Os dois estudantes da UFF queriam implantar, em Niterói, um projeto nos mesmos moldes, ou seja, montar uma TV comunitária.

A proposta inicial era que a Bem TV (que desde o início já tinha esse nome) virasse um projeto de extensão da UFF. Isso acabou não acontecendo, mas a idéia se consolidou como projeto de vida de alguns dos integrantes do grupo inicial. Em agosto de 1992, a Bem TV foi registrada como “entidade civil sem fins lucrativos” e, passados mais dois anos, adquiriu sua primeira câmera por um

financiamento da agência alemã “Pão para o Mundo” (até então usava equipamentos emprestados da universidade ou dos integrantes do grupo).

Durante 10 anos, atuou produzindo e exibindo vídeos em sete comunidades de Niterói: Largo da Batalha, Viradouro, Morro do Cantagalo, Monan, Castro Alves, Lara Vilela e Morro do Preventório. Em algumas delas, a instituição chegou a funcionar como TV comunitária. No Preventório, a Bem TV coordenou o comitê executivo do projeto “Preventório 21” que, em três anos, implantou a “Agenda 21 local”⁴ desta comunidade. Uma das atividades desse projeto foi a promoção de um curso de produção audiovisual, em 1999, que deu origem ao “Grupo Nós na Fita”, projeto permanente da Bem TV.

O perfil da entidade vem se alterando ao longo de sua existência formal. Hoje, a Bem TV aposta na comunicação como metodologia de educação. O público-alvo, inicialmente identificado como “qualquer público organizado”, ganhou contornos mais delimitados, priorizando jovens, adolescentes e educadores. Permanecem, do projeto original, a relação com o Movimento pela Democratização da Comunicação e o sonho de ter a comunicação ajudando a construir uma sociedade mais solidária.

Sendo assim, desde 1992, a Bem TV utiliza-se da comunicação como metodologia educacional para promover a cidadania de jovens e adolescentes. Suas duas linhas de ação são:

1. Educação e Comunicação: usando a comunicação como metodologia, planeja e executa ações que desenvolvam, no jovem, competências para a vida, comprometendo-o com a construção de uma sociedade solidária.
2. Integração com a Escola Pública: atua na promoção do intercâmbio de conhecimentos entre a sociedade civil organizada e as escolas públicas, visando ao aprimoramento de tecnologias educacionais e ao estreitamento de laços entre comunidade e escola.

⁴ Agenda 21 – O principal documento da Eco Rio-92, assinado por 170 países, inclusive o Brasil. Configura-se como um programa estratégico para alcançarmos o desenvolvimento sustentável no século XXI. Um planejamento de ações concretas, com metas, recursos e responsabilidades definidas a curto, médio e longo prazos. Serve de guia para as ações do governo e de todas as comunidades que procuram desenvolvimento sem, com isso, destruir o meio ambiente. Da mesma forma que os países se reuniram e fizeram a Agenda 21, as cidades, os bairros, os clubes, as escolas também podem fazer a Agenda 21 Local. www.crescentefertil.org.br/agenda21 acessado em 12/11/04.

3.1.3 O grupo Nós na Fita

O grupo de jovens que se automeou Nós na Fita, atualmente composto por seis integrantes, teve sua origem na primeira versão da oficina de TV e Vídeo, realizada em junho de 1999, na Comunidade do Preventório. Oferecida pela ONG Bem TV, em parceria com a Comunidade Solidária, dentro do projeto da Agenda 21, essa oficina foi a primeira experiência mídia-educativa (estruturada em forma de projeto social) realizada pela Organização. Convidaram adolescentes e jovens da comunidade do Preventório e das escolas públicas da região para participarem da oficina. Formaram um grupo de trinta adolescentes, de 15 a 20 anos. A oficina com aulas de vídeo, de Português, Matemática, História e juventude e cidadania (chamada de Agenda 21), teve duração de seis meses. Todas as aulas foram voltadas para a produção de vídeos comunitários.

Depois das aulas teóricas, os alunos se subdividiram em cinco grupos e realizaram seus próprios vídeos. Acabada a oficina, ganharam uma câmera SVHS e, em 2000, resolveram montar um grupo de vídeo comunitário. Inicialmente, a instituição não tinha essa pretensão, acreditava que, com a oficina, capacitariam os jovens para trabalhar na área. Contudo, com o tempo, possibilitar que os próprios jovens se organizassem em sua comunidade para fazer comunicação comunitária passou a ser uma das metas da Bem TV. Convocaram uma reunião, em que a grande maioria dos jovens, que fez a oficina, compareceu. Assim, segundo os jovens, surgiu o Nós na Fita que, no início, contava com a presença de vinte adolescentes. Mas, no decorrer do processo, nem todos permaneceram. Conforme iam ficando mais velhos, aumentava a necessidade de encontrar emprego para auxiliar a renda familiar ou até garantir a sobrevivência, razão do afastamento de componentes do grupo inicial. Dos vinte adolescentes que estiveram na origem de tudo atualmente encontram-se no grupo apenas quatro: Luciano, Daniela, Adriana e Ana Paula.

A história do nome Nós na Fita indica, em primeiro lugar, que, a partir do momento em que os jovens criaram uma identidade coletiva, passaram a se reconhecer como grupo. A escolha do nome representou a maneira como se viam diante da experiência de realizar vídeos: eles na fita, eles no vídeo, eles na tela da

tevé, no telão montado na comunidade, eles fazendo vídeo, eles protagonistas de suas produções e de suas histórias de vida.

A idéia era que cada um dos jovens levasse uma sugestão de nome. Apareceram umas quatro sugestões... Tinha um outro nome, Ladeira Vídeo, sei lá, alguma coisa assim... Alguma coisa com Ladeira. E tinham uns outros nomes que eram tão fraquinhos... Aí teve uma eleição e o nome Nós na Fita ganhou... Foi o Luciano que falou: É Nós na Fita, mané! Na época, já existia essa gíria Nós na Fita. Aí, a princípio, a gente: Ah, Nós na Fita não. É gíria de paulista. Aí, um dia de bobeira eu fiquei pensando assim como ia ser a logo. Aí eu desenhei essa logo que é hoje a da camisa. Quando eu fiz o desenho acho que meio que concretizou o nome Nós na Fita. A galera viu e falou: Pô, ficou maneiro. É Nós na Fita! A gente ainda não tinha identidade e o Nós na Fita acabou ganhando. Hoje em dia, tem vários Nós por aí. Mas a gente que criou primeiro. (Daniela, 20 anos).

A logomarca deles é muito parecida com a de outro grupo de jovens que faz vídeo, o *Nós do Cinema*⁵. Existir também um grupo de atores que faz teatro e cinema chamado *Nós do Morro*, por isso, Daniela diz que hoje *existem vários Nós por aí*.



Desde 2000, o Nós na Fita vem realizando o que chamam de TV de Rua. Montam um telão na comunidade para exibir os vídeos feitos por eles, promovendo em seguida debates com os moradores sobre os temas centrais dos vídeos que, em sua grande maioria, tratam das questões da comunidade, como lixo, água, saneamento básico, gravidez na adolescência, história da comunidade e

⁵ **Nós no Cinema** - Criado em agosto de 2001 por Kátia Lund e Fernando Meirelles, após iniciarem um processo de seleção de jovens em inúmeras comunidades, com o objetivo de criar um núcleo de atores para compor o elenco do filme "Cidade de Deus". Os 50 jovens do núcleo são preparados e treinados em todas as etapas de uma produção cinematográfica: roteiro, direção, fotografia, câmera, produção, sonorização, direção de artes, figurino, montagem, edição e finalização. www.nosdocinema.org.br

outros. Quando foi criada, a ONG Bem TV queria ser uma TV comunitária⁶. Apesar de ter funcionado como tal nos seus primeiros anos, com a criação do grupo Nós na Fita, os próprios jovens em parceria com a ONG começaram a montar a TV de Rua em sua comunidade. Atualmente, a TV de Rua do Morro do Preventório é protagonizada pelos jovens integrantes do grupo Nós na Fita.

O primeiro vídeo produzido naquele mesmo ano denominou-se *Faxina Geral*, um curta-metragem que trata do tema do lixo na comunidade do Preventório. Ainda em 2000, algumas meninas do grupo ficaram grávidas, o que gerou discussões sobre sexualidade. Organizaram seminários sobre DST e AIDS e começaram a trabalhar com esse tema.

Em 2001, a Bem TV realizou a segunda versão da oficina de TV e vídeo, em parceria com a Comunidade Solidária. A oficina teve a mesma estrutura de 1999. Na época, segundo os jovens, os adolescentes que compunham o grupo Nós na Fita tiveram ciúmes desses novos adolescentes que chegaram para fazer a oficina e não os deixaram integrar o Nós na Fita. Abriram apenas cinco vagas e dessa geração ficou apenas um: o Robert.

Ainda em 2001, a Bem TV realizou o projeto *Um olhar sobre a AIDS*⁷ que resultou na produção do vídeo sobre sexualidade (o material mais conhecido do grupo): *Muito Prazer*. Os adolescentes fizeram o vídeo e o exibiram em várias comunidades: Preventório, Jurujuba, Morro Cavalão, Grotá. Depois, realizaram

⁶ O conceito de **TV comunitária** é amplo e polissêmico, podendo ser utilizado a partir de várias matizes. O que caracteriza uma TV comunitária? Seria uma TV que fala do cotidiano de uma comunidade específica? Ou uma TV com um espaço no canal a cabo ou por satélite, no qual as comunidades podem exibir seus programas? Ou ainda seria uma TV de baixo alcance, pela qual um bairro ou alguns moradores recebem em suas casas a programação feita por outros moradores da mesma região? Ou quem sabe, uma TV que tem como força, o caráter temático de uma discussão de interesse da comunidade envolvida? Ou então uma TV em que a comunidade (seja de moradores ou ligadas a uma instituição) se envolve no processo de criação de seus programas/vídeos? Para a Bem TV, TV comunitária é aquela elaborada pelos próprios membros da comunidade, na qual podem partilhar de interesses comuns em um mesmo território. Para o Nós na Fita, a TV de Rua se caracteriza como uma TV comunitária, na mesma concepção apresentada pela Bem TV, com destaque para exibição na rua.

⁷ **Um Olhar Sobre a AIDS** tem por objetivo geral reduzir os índices de gravidez precoce e de contaminação por DST/AIDS entre os jovens do município de Niterói. Em sua primeira etapa, executada ao longo de 2001, foi beneficiados mais de 500 jovens com idades entre 13 e 22 anos. O ponto de partida do projeto foi a produção do vídeo “Muito Prazer”, que discute sexualidade entre os jovens. Esse vídeo foi idealizado, gravado e editado pelo grupo Nós na Fita, jovens que atuam como agentes mobilizadores, na hora de exibir e discutir o vídeo em escolas públicas. Em sua segunda etapa, o projeto atua nos bairros do Fonseca e Centro da cidade, onde está a maior parte dos casos de HIV / AIDS, em Niterói. As atividades promovidas são exibição e discussão de vídeos em escolas, troca de correspondência audiovisual entre escolas (vídeo-carta), realização de encontro entre jovens envolvidos com o projeto, publicação de uma revista. Tem como parceiros a Coordenação Nacional de DST / AIDS do Ministério da Saúde e a Unesco - www.bemtv.org.br

exibições nas escolas públicas da região. Passaram a exibir nos lugares em que a coordenação de saúde de Niterói indicava como pontos em que havia o maior índice de DST/AIDS. Até hoje, esse projeto está funcionando, sendo que, em 2003, exibiram o vídeo em shoppings e, em 2004, voltaram a exibi-lo em escolas públicas. *Muito Prazer* já participou de Festivais de cinema e já ganhou prêmios.

Em 2002, continuaram o projeto da AIDS e fizeram o vídeo: *Uma questão de Gênero*. Em 2003, a Bem TV realizou o Projeto Olho Vivo⁸, no qual os jovens do Nós na Fita foram convidados a ser monitores. Ao final, realizaram três vídeos vinculados ao Projeto: *Memórias do Preventório*, do Luciano, conta a história da comunidade. *Olho Vivo*, da Adriana, conta a história do próprio projeto. *Jovens escolhas*, da Daniela (ainda não finalizado), conta a trajetória de jovens da comunidade, tem seu foco no Protagonismo Juvenil.

Em 2004, a atuação do grupo Nós na Fita esteve alicerçada na continuidade de dois projetos da Bem TV: o projeto da AIDS e o Olho Vivo, assim como na realização, pela primeira vez, de uma oficina de TV e vídeo para outros jovens da comunidade do Preventório.

3.1.4 Jovens protagonistas

Pelo menos nos últimos dez anos, muitas são as pesquisas sobre a participação social dos jovens⁹ nas sociedades contemporâneas. No cerne desse debate, Helena Abramo (2000), ao discutir o modo como os jovens são e podem se tornar atores no processo de seu desenvolvimento pessoal e no da sociedade,

⁸ **Projeto Olho Vivo** - Utiliza a fotografia para sensibilizar o olhar de jovens moradores do Morro do Preventório, em Niterói, levando-os a construir uma nova imagem do lugar onde vivem e de si próprios. A ideia é que a criação artística esteja associada ao fomento do senso crítico e à construção de um sentimento de compromisso com a coletividade, de modo que, ao final do processo, além de uma exposição fotográfica que retrate o Preventório sob um ângulo diferente, os jovens apresentem à comunidade propostas de ação que viabilizem a contribuição efetiva do grupo para a melhoria da qualidade de vida local. As atividades promovidas são oficinas de fotografia, com duração de cinco meses; exposição de fotografias na comunidade do Preventório e em centros culturais de Niterói; seminário para apresentação do plano de ação elaborado pelos jovens participantes da oficina, visando à melhoria da qualidade de vida do Preventório. Tem como parceiros o BNDES e o Instituto C&A - www.bemtv.org.br

⁹ O conceito de juventude utilizado neste trabalho está ancorado em Abramo (1997), Sposito (1997) e Carrano (2003).

traz reflexões sobre as condições e o sentido das possibilidades de participação dos jovens. Segundo a pesquisadora, as noções de participação social e desenvolvimento integral estão interligadas e o momento crucial para isso é a etapa da juventude. O indivíduo se desenvolve integralmente na medida em que se constrói como sujeito e só pode assumir plenamente sua condição de sujeito e agente social se alcança um desenvolvimento pessoal integral. A juventude é a fase em que se estrutura o desenvolvimento do indivíduo como sujeito social e esse processo será inteiramente marcado pelo modo como se dá seu desenvolvimento pessoal. Para ela, as instituições que vêm trabalhando com os jovens podem contribuir para o desenvolvimento pessoal, principalmente, junto à juventude dos setores populares, que vive uma crise de perspectivas, uma vez que interioriza as promessas e aspirações promovidas pelos meios de comunicação de massas, pela escola e pelo sistema político, mas não acede à mobilidade e ao consumo contido nessas promessas.

É de grande valia a reflexão que Abramo faz, baseada em Touraine: *Como fazer da participação social um objetivo em uma sociedade em que tantos jovens se encontram excluídos e marginalizados? Como falar de integração quando o que impera é o dualismo e a exclusão?* Segundo ela, Touraine ao perguntar como se pode garantir o fortalecimento da constituição dos jovens como sujeitos para que possam assumir-se como atores sociais, aponta que, para esse desenvolvimento se completar, é fundamental que o jovem possa processar a integração de sua experiência de vida e a sua vinculação com projetos pessoais referidos ao meio social: *incrementar nos jovens a capacidade de comportarem-se como atores sociais, isto é, de modificar seu entorno social para realizar projetos pessoais.*

Ao que tudo indica, o trabalho da Bem TV vem investido no fortalecimento do indivíduo pela socialização satisfatória no processo educativo (fortalecimento da auto-estima, possibilidade de espelhar-se em papéis na vida adulta futura etc.), do mesmo amplia a capacidade dos jovens de serem agentes de suas próprias vidas, escolhendo, julgando, construindo projetos pessoais e coletivos e assim sustentando as relações sociais com outros (sejam relações de cooperação, consenso ou conflitos).

Diante de todo o quadro de exclusão vivido por esses jovens, as práticas educativas promovidas pela Bem TV acabam fortalecendo capacidades de ação

deles, contribuindo para o desenvolvimento pessoal integrado dos mesmos, intensificando a integração de suas experiências e a vinculação destas com projetos pessoais e coletivos.

Atualmente, está em voga a idéia de que os projetos sociais *resgatam a cidadania* de jovens dos setores populares urbanos. No entanto, existem posições políticas diferentes e divergentes. Para alguns, cidadania não se resgata, se conquista; para outros, cidadania representa a garantia de direitos que precisa prevalecer. De qualquer forma, o que podemos verificar é que, quando se trata de juventudes e participação social, o conceito de cidadania ganha distintas dimensões. Abramo (1998) traz as contribuições de Durston (1998) que, ao discutir as limitações da participação juvenil, aponta duas formas pelas quais os jovens mais desfavorecidos socialmente têm, ao mesmo tempo, sua inserção social ameaçada e a participação bloqueada.

A primeira ele nomeia "cidadania denegada", que afeta os setores mais excluídos (etnias dominadas, setores rurais pobres, marginalizados urbanos): "a esses setores se nega a possibilidade prática de exercer cidadania, pela discriminação racial, pela ausência de espaços de participação dentro de seu habitat e também pela falta de acesso ao conhecimento necessário para a cidadania (destrezas de análise e linguagem)".

A segunda é nomeada "cidadania de segunda classe", que se aplica a setores (entre os quais estão os jovens com baixa escolaridade e as mulheres jovens) aos quais a cidadania não é negada explicitamente, mas encontram tamanhas barreiras que dificultam concretamente seu exercício. Frente a essas situações, os jovens têm de superar a autonegação, gerada pelo desprezo da cultura dominante em relação às suas identidades, assumindo uma auto-imagem positiva, e capacitar-se nos códigos e destrezas necessários ao exercício da participação.

Faz parte do desenvolvimento integral do jovem, portanto, o desenvolvimento de sua consciência de cidadania e a possibilidade de exercê-la por processos educativos e integradores e por práticas que lhe permitam perceber que podem influenciar as decisões que afetam sua vida (Abramo, 1998).

Talvez, de uma forma ou de outra, os jovens moradores do Morro do Preventório vivam essas diferentes dimensões da cidadania; entretanto, parecem ter encontrado nas ações da Bem TV a possibilidade de se perceberem como protagonistas das suas próprias histórias, assim como, da história da comunidade onde residem, encontrando, de fato, espaços concretos e reais de participação social, diferentemente, como aponta Sposito (2003), do que acontece na maioria dos programas sociais, promovidos pelo governo, destinados à juventude. Ao

desenvolver um estudo que avalia as políticas públicas para a juventude, criadas no governo Fernando Henrique Cardoso, a pesquisadora afirma que esses programas sociais pecaram, principalmente, pela ausência de canais democráticos que assegurassem, aos jovens, espaço de participação e formulação. No entanto, em texto apresentado no GT de Movimentos Sociais na reunião anual da Anped 2004, a mesma autora ressalta que, se, por um lado, os programas governamentais não garantem esses espaços, por outro, os programas desenvolvidos por instituições não-governamentais, no campo dos movimentos sociais, têm demonstrado que é possível promover práticas educativas em parceria com os jovens, nas quais são os atores, realizadores e propositores das ações.

Buscando fugir de uma visão romântica da participação efetiva dos jovens integrantes do Nós na Fita nas decisões de suas ações, acredito que eles têm enfrentado, juntamente com a ONG Bem TV, os desafios e conflitos complexos que envolvem a criação de práticas cotidianas de trabalho coletivo e comunitário. Sendo assim, no contexto em que estão inseridos, acredito que esses jovens têm conseguido construir relevantes experiências de protagonismo juvenil.

3.1.5 Perfil dos integrantes do Nós na Fita¹⁰

O mundo é feito de histórias. Histórias que acontecem a cada dia, histórias grandes ou pequeninas. E é preciso contá-las. (Eduardo Galeano, O Globo, 5/3/2004).

Inspirada por Benjamin (1985), parto do pressuposto que o narrador retira da experiência o que ele conta. Ao narrar, vivifica a experiência e transforma a si mesmo, a história e a própria experiência. Interessava-me conhecer as histórias de vida dos jovens integrantes do grupo Nós na Fita para reconhecer suas trajetórias, buscando o lugar e o papel das suas experiências pessoais e coletivas, no que tange as relações com a linguagem audiovisual, e com a entrada, presença e permanência no grupo Nós na Fita. Cabe a singularidade e subjetividade de cada um até para que possamos perceber o que tem de comum e de diferente entre esses sujeitos. Apresento, então, os sujeitos que se tornam protagonistas dessa história.



Luciano, 23 anos

O primeiro a conhecer a Bem TV é o integrante mais velho do Nós na Fita. Nasceu em Niterói, morou em Manilha até os nove anos e depois foi para o Morro da Caixa D'água, no Fonseca, onde mora até hoje. Teve uma educação muito rígida na infância, não tem muitas recordações das suas brincadeiras prediletas. *Eu era um cara muito preso dentro de casa. Meu pai não me deixava muito brincar na rua.* Fascinado pela tevê, era uma das coisas que mais fazia. Passava horas e horas assistindo desenhos animados, *Moranginho*, os *The Smurf*, *He-man* e *Muppets Babys* eram os seus prediletos.

Na adolescência, se apaixonou pelos desenhos japoneses. *Eram desenhos mais complexos, que mexiam com meus sentimentos.* No entanto, além do *Jaspion* lembra do Sergio Malandro, do Chacrinha e de seu prazer em assistir ao Fantástico. Apesar de ter desistido de prestar vestibular para jornalismo, gosta muito de ver telejornal. *É maneiro ter uma informação que os outros não têm. Gosto de conhecer pontos de vistas diferentes. Hoje, assisto Jô Soares, Marília Gabriela e Leitura Dinâmica. E se tivesse antena ia assistir MTV, que fala diretamente para os jovens.*

Destaca emocionado o momento em que a Bem TV entrou na sua vida. Filho do vice-presidente da Associação de Moradores da Caixa D'água viu pela janela de sua casa a Márcia (coordenadora da Bem TV) com uma câmera na mão. *Caraca aconteceu alguma coisa, porque câmera na mão dentro de comunidade, em morro, só pode ser alguma tragédia.* Desde então, se aproximou e nunca mais saiu de perto. *Naquela época, a Bem TV ainda não fazia curso de TV e vídeo, dava a câmera na nossa mão e a gente ia aprendendo fazendo.* Luciano lembra com entusiasmo que, na Caixa D'água não faziam roteiro, saiam gravando e foi

¹⁰ Vale destacar que as caricaturas utilizadas foram produzidas por Robert, um dos integrantes do grupo, no primeiro dia que participei de uma reunião do Nós na Fita. Ao final do encontro ele me presenteou com as imagens que representam os colegas.

assim que *peguei a manha de como é realmente fazer mídia. Na Caixa D'água era como se eu fosse ajudante da Bem TV. Depois, fui convidado para fazer parte do Nós na Fita*. Luciano, apesar de reconhecer que os estudos e o trabalho ocupam muito tempo da sua vida, faz questão de participar das atividades do grupo e se enche de orgulho quando se assume roteirista e diretor do vídeo *Memórias do Preventório*.



Daniela, 20 anos

A caçula da família, filha de uma mineira com um paraibano (que vieram quando crianças morar no Estado Rio de Janeiro), não conhece outro endereço sem ser o Morro do Preventório. Passou a infância na praia (em frente ao morro) brincando ao lado do quiosque de sua mãe. Jogar bola e passear com as irmãs eram suas brincadeiras prediletas. A velha televisão preta e branca tornava-se sua companheira nas noites de sexta-feira, enquanto assistia ao Globo Repórter, à espera dos adultos chegarem em casa. Apesar de afirmar que, quando criança, não ficava muito tempo diante da tela da tevê, recorda-se dos seus programas e personagens preferidos: *Xuxa, Fofão, Daniel Azulay, Bia Bedran* entremeados pelas novelas e desenhos animados. Jornal Nacional e filmes de terror não eram muito bem-vindos.

Menina tagarela, viveu a separação dos pais aos sete anos, no mesmo ano em que entrou para a alfabetização. Sempre estudou em escola pública. Recordase das vezes que não quis ir para escola, pois não podia ter o objeto de consumo da época. Sua mãe não tinha condições financeiras para lhe dar a mochila rosa emborrachada. Entretanto, “herdou” de sua mãe o desejo de se envolver com as questões da comunidade onde mora. Fundadora do Grupo de Mulheres do Morro do Preventório, a mãe de Daniela orgulha-se de ver a filha trabalhando em prol da comunidade.

Ao falar da adolescência, com entusiasmo, destaca sua popularidade na fila da cantina na hora do recreio e dos oito anos em que foi representante de turma. *É engraçado como as pessoas têm traços que ficam com você para sempre.*

A entrada no curso de TV e vídeo, oferecido pela Bem TV, em 1999, parece ser um divisor de águas na trajetória de Daniela. *Desde lá, nunca mais fui a mesma.* Absolutamente envolvida com o trabalho, destacava-se por sua criticidade apurada. Tudo queria saber, não se contentava com as respostas sem porquê. Mobilizada pelo curso, sua aula preferida era a de Juventude e Cidadania. Sentia-se atraída pelas questões políticas que giravam em torno do projeto da Agenda 21, que estava sendo implantado na época na comunidade. Passou a freqüentar semanalmente as reuniões em que o projeto era discutido com os moradores. Já nas aulas de vídeo, encantava-se com a oportunidade de produzir imagens. *Executar ali o mesmo processo que se faz na tevê, era meu maior barato.* Produzir imagens de sua própria comunidade, desde então, se tornou fascinante, aos olhos abusados de Daniela que descobria, naquele momento, as infinitas possibilidades de expressão que a linguagem audiovisual oferece. *O curso parecia ter uma magia.* Ver, gravar, rever e regravar era para ela o exercício mais saboroso. *Foi dar um instrumento perfeito na minha mão. Quando aprendi a fazer roteiro, a montar e a vencer cada etapa do processo descobri que aquilo era tudo que queria, falar para um monte de gente ao mesmo tempo a partir de um vídeo que eu mesma faria.*



Adriana, 21 anos

Tomar banho de rio, andar a cavalo, cuidar das galinhas e dos porcos marcam a infância de Adriana que, até os sete anos de idade, morou em Maricá. O contato com a natureza e o amplo espaço em que brincava se contrastava com a proximidade das casas do Morro do Preventório, onde foi morar logo após a morte de seu pai. *Em Marica, para chegar na casa de um vizinho tínhamos que andar*

muito. Aqui é só olhar pela janela e chamar. A mudança de Adriana para o Morro não se caracterizou apenas pela diferença do espaço físico, mas principalmente pela substituição da brincadeira pelo trabalho doméstico. Cena tão recorrente na infância das crianças moradoras de comunidades de baixa renda: enquanto a mãe saía para trabalhar, a menina ficava arrumando a casa, fazendo comida e cuidando dos irmãos.

A chegada da tevê na vida de Adriana teve data marcada. *Em Marica, não tinha TV, só tinha o radinho do meu pai.* Quando tinha entre 12 e 13 anos, sua mãe comprou, no centro de Niterói, com seu primeiro salário como doméstica, uma pequena tevê preta e branca. Adriana conta com alegria dos momentos em que os vizinhos iam até sua casa assistir novelas que, aliás, era seu programa preferido!

Sua adolescência durou pouco. De casa para a escola, da escola para casa, da casa para a igreja. *Minha mãe me apresentou na igreja evangélica, me batizou na católica e me apresentou na macumba.* Adriana arrisca que talvez por isso hoje não se sinta vinculada a nenhuma religião apesar de acreditar em Deus. Começou a namorar muito cedo. Engravidou com 18 anos quando já participava do grupo Nós na Fita. Casada há seis anos, mãe do Gabriel, conta como sua gravidez influenciou o grupo para o debate e a realização de vídeos sobre sexualidade. *O vídeo Muito Prazer foi feito nessa época.*

Orgulhosa de seu envolvimento comunitário, afirma que sua presença no Nós na Fita faz com que não queira sair do Morro. *Aprendi a perceber as coisas boas que têm aqui e a lutar para modificar as coisas ruins e a TV comunitária ajuda a gente a mostrar isso para os outros moradores.*



Robert, 20 anos

Do interior da Bahia para o Morro do Preventório, Robert destaca-se por seu compromisso com seus próprios sonhos. Há quase quatro anos, o menino caçula saiu da barra da saia da mãe em Belmonte para estudar e trabalhar no Rio de Janeiro, ao lado de seu pai. Entre as travessuras e descobertas da infância lembra com detalhes das dificuldades que enfrentou na época em que sua mãe tentou alfabetizá-lo. *Demorei muito para aprender a ler e a escrever e fiquei muitas vezes sem poder ver televisão, coisa que eu adorava, porque minha mãe me proibia. Só deixava eu ver depois que lesse alguma coisa. Mas o que gostava mesmo era de ver desenhos animados: Super-homem, Homem aranha, He-man e Caverna do Dragão. Eu pensava que eu era um daqueles personagens, eu me fazia passar por eles... Eu gostava, como toda criança, de fantasiar.*

Ao sair do tranquilo município baiano, Robert ampliou suas lentes de visão. Os arranha-céus do centro de Niterói lhe impressionavam. Seus sonhos foram redimensionados. Sua meta deixou de ser trabalhar no maior supermercado de sua cidade natal. Hoje, almeja criar uma chapa jovem para trabalhar na associação de moradores do Morro do Preventório. *Depois que eu cheguei aqui, eu vi que nada é impossível. A gente pode mudar o cotidiano da gente, a gente pode mudar a família da gente, pode mudar a vizinhança, pode mudar a comunidade onde a gente mora, pode mudar tudo.* A possibilidade de mudança re-significa a trajetória de Robert. Sua entrada no curso de TV e vídeo de 2002 foi definitivamente o que o enraizou no Morro do Preventório. A experiência o aproximou de outros jovens da comunidade. *Passsei a me sentir em casa. Mas, o que lembra com mais entusiasmo, é a sua entrada no Nós na Fita. Quando fui considerado no curso o melhor câmera do grupo deixei de me sentir aquele burro que demorou a aprender a ler e a escrever.* Ter-se tornado um dos integrantes do grupo de jovens da comunidade onde mora fez com Robert reconhecesse suas potencialidades. Apesar de atualmente trabalhar em um restaurante para garantir sua sobrevivência, o baiano não deixa de participar das atividades do Nós na Fita.



Ana Paula, 23 anos

A filha mais velha da família carrega boas recordações da deliciosa infância vivida em Jacarepaguá. Brincar perto das árvores, ir à escola e conversar com as professoras são algumas dessas lembranças. Aos 12 anos, foi morar em Niterói. Já passou por algumas comunidades, mas atualmente, mora com a família em Jurujuba. Apesar de não ter visto muita tevê, afirma gostar da Xuxa até hoje. *Ursinhos Carinhosos, Pica-Pau e Pernalonga* eram seus desenhos preferidos. *Também gostava de novelas, como a maioria das crianças.* Na época em que estava terminando o ensino médio, soube na escola do curso de TV e vídeo que a Bem TV promoveria no Morro do Preventório. Mesmo não sendo moradora da comunidade, resolveu fazê-lo. *Eu já estava fazendo um curso de postura para ser manequim e achei que o curso de TV e vídeo era uma oportunidade para aparecer na tevê.* Mesmo que Ana Paula não tenha se tornado nem atriz nem manequim o curso fez com que deixasse a timidez de lado. Se enturmou com outros jovens e juntos passaram a se envolver com as questões da comunidade. Ao falar da sua trajetória, lembra entusiasmada do momento em que passou a ver tevê de um jeito diferente. *Gostava de ir para casa e ficar observando os ângulos, os planos que eram utilizados.* Trabalhar com a mídia mobilizou Ana Paula, sempre em busca do sentido das coisas. Estar atrás das câmeras, apurar o olhar, discutir política e se perceber mais crítica encantava Ana Paula. Com o Nós na Fita, do qual é parte, desde a sua origem, acredita fazer o que mais gosta: produzir vídeos e realizar oficinas com outros jovens. Após ter sido convidada para trabalhar na Bem TV, se sente uma pessoa realizada. *Adoro trabalhar em uma ONG, me realizo como pessoa e faço o que acredito, quero ajudar as pessoas. Cada um tem que tomar posição e correr atrás do que quer. Meu maior sonho é um dia trabalhar na ONU, correr o mundo à fora, ajudando as pessoas, trocando experiências, compartilhando conhecimento, o que acredito que o Nós na Fita faz com a TV de Rua.*



Keyla, 20 anos

Criada pelos avós paternos, até os 10 anos de idade, a menina curiosa morou no Preventório. *Conhecia o Morro como a palma da minha mão.* Andar de balanço, brincar de boneca com as amigas e assistir a *Chaves* junto com os avós na tevê eram as coisas que davam mais prazer. Saiu do Rio de Janeiro com o pai para morar no Ceará. *Era tudo muito diferente. As pessoas eram muito pobres, as ruas eram todas de barro e eu era tratada como rainha por ser do Rio de Janeiro.* Ao falar de sua estada no Ceará, recorda, além das mangas retiradas do pé e do feijão que seu pai vendia na feira, da sua atitude de espanto diante de uma família que morava numa casa de barro, sem luz elétrica, com fogão a lenha e uma televisão tão antiga que funcionava com bateria. No entanto, dois anos depois se desentendeu com a madrasta e voltou a morar com seus avós só que, desta vez, em Maricá. Aos 18 anos, voltou para o Morro do Preventório. Evangélica e bastante brigona, permaneceu na comunidade na companhia de seus avós até falecerem. Atualmente, mora na casa de uma senhora e pretende em breve se casar.

As novelas, sua preferência na tevê, não fizeram com que deixasse de assistir a *Chaves* e *Chapolim*. Conta emocionada que, até hoje, ao ver os personagens lembra das risadas de seus avós e do momento em que juntos se divertiam diante da tela da tevê.

Keyla é a integrante mais recente do grupo Nós na Fita. Após fazer o curso de fotografia do projeto Olho Vivo (promovido pela ONG Bem TV, em 2003), pediu para participar do grupo de jovens. A admiração com que fala do Nós na Fita indica o quanto a entrada no grupo lhe conferiu uma valorização de si própria. *Eu me sinto privilegiada de poder fazer parte do Nós na Fita.* Envolvida com os desafios do fazer em grupo, vestiu a camisa e afirma que o melhor de tudo é *não só ser reconhecida por fazer algo na nossa comunidade como reunir todo mundo para tentar resolver os problemas.*

Jovens de famílias de baixa renda, nascidos na década de 80, mesmo que em cidades ou Estados diferentes carregam marcas de suas condições econômicas, históricas e sociais. As lembranças do que assistiam na tevê, entremeadas por suas trajetórias familiares e escolares indicam que, apesar das singularidades, ao se encontrarem no grupo Nós na Fita acabaram construindo um caminho comum. O Morro do Preventório configura-se mais do que um espaço de encontro e participação social:

é no lugar, no território que se desenrola a corporeidade da vida cotidiana e da temporalidade – a história – da ação coletiva, base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, características fundadoras da comunicação humana, pois, mesmo atravessados pelas redes do global, o lugar segue feito de tecido de proximidades e das solidariedades (Martín-Barbero, 2003: 58).

Ao que tudo indica, a partir da experiência vivenciada no Nós na Fita tanto as maneiras como se relacionam com a comunidade quanto seus modos de ver e significar o que vêem na tela da tevê se modificam. O estreitamento do vínculo comunitário, a crença no trabalho de mobilização social através do vídeo; e principalmente, a valorização da TV de rua que protagonizam ganham lugar de destaque.

Nessa perspectiva, tendo a concordar com Fraga (1999) quando afirma que as pessoas envolvidas em uma TV de rua estão vivenciando uma experiência educativa. As histórias de vida dos jovens integrantes do Nós na Fita indicam como suas vidas foram atravessadas por essa experiência. Essa percepção remete-me a dissertação de mestrado do autor que analisa a experiência educativa da TV Castro Alves¹¹ na vida dos moradores de um bairro periférico de Niterói. As suas reflexões sobre o caráter pedagógico da ritualização da imagem eletrônica aproximam-se muito da experiência do Nós na Fita. Principalmente, no que se refere à capacidade dos sujeitos envolvidos com a TV re-significarem, a partir dessa experiência, seus modos de ser e de conviver com suas realidades.

¹¹ Vale destacar que a TV Castro Alves, que atualmente não existe mais, foi criada a partir de uma ação promovida pela ONG Bem TV na comunidade Castro Alves em 1996. Nessa época o objetivo da instituição era assessorar iniciativas de mobilização social. Nesse sentido, mobilizou os moradores da comunidade para criarem vídeos que tratassem diretamente das questões locais. A dissertação de mestrado de Fraga (1999) analisa a dimensão educativa da experiência para os trabalhadores envolvidos na TV Castro Alves.